

## Apresentação

Gênero, ciências, história, em seus entendimentos múltiplos têm convivido pouco entre si no Brasil. Análises de gênero, quaisquer que sejam suas abordagens, permanecem praticamente ausentes da historiografia das ciências, assim como a invisibilidade da História das ciências – particularmente das chamadas naturais e exatas – parece marcar também o campo de estudos de gênero entre nós.

As intenções deste dossiê – Gênero na História das ciências – não são, portanto, as de traçar grandes quadros referenciais que pudessem sugerir a maturidade intelectual dos campos disciplinares. Estou parafraseando Ludmilla Jordanova em seu artigo já clássico e controverso “Gender and the historiography of science”<sup>1</sup> para, recuperando algumas de suas contribuições, se pensar Gênero na História das ciências. Em primeiro lugar, a lembrança da historicidade do próprio conceito de gênero. Em segundo, as condições privilegiadas, prefiro dizer a prática, das/os historiadoras/es das ciências habituadas/os à difícil tarefa de explicar precisamente como as idéias adquirem seu poder, como são construídos os conceitos, como se negocia a validação de seus significados. E, uma vez sancionados os conceitos, trata-se da distância crítica de seu emprego nos diferentes contextos sócio-históricos, trata-se dos entendimentos de “gênero então e gênero agora” (“*gender then and gender now*”). O que significa pensar os discursos engendrados também em ciências, como construções e não aceitá-los como descrições, chamando a atenção para seus processos constitutivos e empregos em diferentes contextualidades.

Inserido nas perspectivas de construção de áreas de conhecimentos nem sempre convergentes – história das ciências,

---

<sup>1</sup> JORDANOVA, Ludmilla. Gender and the historiography of science. *BJHS*, n° 26, 1993, pp.469-483.

## Apresentação

estudos de gênero, feminismos, história de mulheres, estudos sociais das ciências, cultura científica –, o *Caderno* “gênero, ciências, história” se apresenta com a foto de Bertha Júlia Maria Lutz (1894-1976). Sua atuação política – em prol da emancipação feminina, pelo voto feminino, por mudanças na legislação trabalhista – à frente da Federação Brasileira para o Progresso Feminino foi recuperada nas origens das produções acadêmicas feministas, de meados da década de 1970, por Rachel Sohiet e Branca Moreira Alves.<sup>2</sup> Sua carreira de zoóloga, e seus 46 anos de trabalho no Museu Nacional do Rio de Janeiro, evocam misturas de feminismos, anfíbios, políticas. Dimensões inseparáveis e inevitáveis, quando se trata de engendrar as ciências.<sup>3</sup>

A partir de diferentes olhares e apoiados em amplas abordagens bibliográficas – portanto, referenciais para futuras discussões – os artigos de Ilana Löwy e Tereza Citeli introduzem as discussões em torno da contribuição dos estudos de gênero para as análises críticas dos conceitos de universalidade e objetividade da ciência.

Ilana Löwy aproxima a noção da capacidade da “tradução imperfeita” de Luvik Fleck – o inspirador das idéias revolucionárias de Thomas Kuhn – da noção, desenvolvida pelas feministas, de um “universo concreto”, fundado sobre a comunicação. Discute como o ideal da universalidade da ciência, enquanto produção de conhecimentos sem sujeito, é questionado na confluência dos estudos relativos a historicidade do saber

---

<sup>2</sup> SOHIET, Rachel. Bertha Lutz e a ascensão social da mulher, 1919-1937. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, 1974; ALVES, Branca Moreira. Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil, 1919/1932, fatos e ideologia. Dissertação de Mestrado, IUPERJ, 1977.

<sup>3</sup> Ver projeto “Histórias Femininas II: ciência, substantivo feminino singular?”, desenvolvido no Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, da Universidade Estadual de Campinas e apoiado pelo CNPq, sob a coordenação da prof<sup>ra</sup> dr<sup>a</sup> Mariza Corrêa.

científico, da “ebulição de práticas situadas” e dos estudos de gênero.

Tereza Citelli, esmiuçando toda uma literatura de língua inglesa, construída desde o início dos anos de 1970, recupera as transformações, os distanciamentos e os pontos de contato pelos quais vieram passando nas últimas décadas os estudos de gênero e os estudos sociais das ciências. Aprofundando perspectivas de análises muito pouco consideradas ainda pelos estudos de gênero no Brasil, este artigo dissecou, entre outras, diversas obras de Evelyn Fox Keller, no interior de um quadro conceitual, onde a objetividade da ciência ocupa o lugar central dos questionamentos.

Completa o panorama dessas discussões a resenha do livro recém publicado na França, sobre o estado da arte dos estudos de gênero e ciências – *L invention du naturel. Les sciences et la fabrication du féminin et du masculin*. Nesta resenha, Silvia F. de M. Figueirôa ressalta, entre outros aspectos, como mais uma vez estão ausentes dos quadros referenciais internacionais, mesmo daqueles comprometidos com visões de “dominados”, de “excluídos”, a produção acadêmica de comunidades situadas fora dos centros considerados hegemônicos de produção científica.

As teses existentes que atribuem a exclusão das mulheres aos contextos iniciais de legitimação da ciência moderna são discutidas por Eulalia Pérez Sedeño, nos marcos das perspectivas de gênero que analisam os processos de institucionalização das ciências. Se é compreensível que sejam tolhidos os espaços das mulheres, à medida em que as academias modernas se aproximaram das tradições universitárias clericais, mais polêmico, sugere a autora, é identificar as raízes dessa exclusão nas tradições das cortes renascentistas, que também conformaram as academias. Eulália Pérez Sedeño analisa, ainda sob a ótica de gênero, o papel dos amadores na conformação das ciências modernas, através da conhecida atuação de Lady Mary Wortley Montagu na introdução da inoculação da varíola na Inglaterra do século XVIII.

## Apresentação

Nesse artigo, a perspectiva de gênero adotada se entrelaça e amplia uma das abordagens da maior atualidade na compreensão da construção das culturas científicas modernas. Refiro-me a todas as contradições presentes – e enfrentadas por Lady Montagu, “peculiar filha de seu tempo marcada pela cultura otomana e de *status* social elevado” – nos processos de incorporação e de transformação das tradições culturais não-européias em conhecimentos científicos validados e incorporados pela ciência moderna, no caso, na Inglaterra.

O artigo “Ephemeris Calculada al Meridiano de México para el año Del Señor de 1757. Por Doña Maria Francisca Gonzaga de el Castillo” enfatiza as dificuldades inerentes à recuperação de documentos e personagens, tão familiares aos historiadores, especialmente latino-americanos. Aurora Tovar Ramírez amplia para além dos países europeus – sugerindo, portanto, a necessidade de outras contextualizações – a corrente de estudos de caso que evidenciam, mais do que a exclusão, a prática usual, à época, de mulheres participando em atividades relacionadas à astronomia. Como Londa Schiebinger<sup>4</sup> já analisou para o caso da Alemanha, no contexto das *craft traditions* –tradições artesanais de Edgar Zilsel –, entre 1650 e 1710, cerca de 14% dos astrônomos alemães eram mulheres e, em tais práticas, como nas das ilustrações botânicas, do colecionismo, a participação de mulheres era incentivada no âmbito dos negócios familiares.

Miriam Lifchitz Moreira Leite e John Dickenson, complementados pela resenha de Ana Paula C. Simioni, ampliam as transgressões das fronteiras entre amadoras/es e profissionais iniciadas pelos artigos anteriores, viajando através do gênero, da literatura, da iconografia, das ciências, das artes.

A contribuição dos estudos de gênero sobre as viagens, que foram parte intrínseca da construção das ciências modernas, tem em Miriam Moreira Leite uma das mais ativas construtoras do

---

<sup>4</sup> SCHIEBINGER, Londa. Maria Winkelmann at the Berlin Academy. A turning Point for Women in Science. *ISIS*, n° 78, 1987, pp.174-200.

campo no país. Partindo do estudo sobre minúcia em História da arte, a autora persegue a literatura de viagens – fonte inesgotável para a História das ciências –, enfocando agora as mulheres viajantes, seus diários, suas correspondências.

Para os geógrafos feministas, as mulheres viajantes se constituíram em um campo significativo de estudos desde os anos 1980. A iconografia de viagens e das ciências têm sido, ainda, pouco incorporadas pelos estudos de gênero no país. Em seu artigo sobre Marianne North – artista, colecionista, naturalista, amadora – John Dickenson a insere no contexto dos estudos sobre arte e ciências. Apoiado na literatura de gênero sobre o tema, o autor percorre as viagens das mulheres de seus domínios particulares dos jardins e das flores, no século XVIII, aos *loci* profissionais privilegiados que encontraram para si nas ilustrações botânicas – na arte botânica – aspecto constitutivo essencial dessa área de conhecimentos.

Apontando o cruzamento entre questões de gênero e produção cultural, educação e profissionalização da mulher, discutindo “arte feminina”, a resenha da obra *Overcoming all Obstacles: the Women of the Académian Julian* se reveste de particular interesse para a História da arte e das mulheres no Brasil. Como salienta Ana Paula C. Simioni, freqüentaram os ateliês parisienses, da transição para o século XX, de Rudholf Julian artistas como Tarsila do Amaral, Fedora do Rego Monteiro, Bertha Worms.

Pamela Henson, em *A Invasão da Arcádia: as cientistas de campo na América Latina 1900-1950* segue a trajetória de Agnes Chase, que também foi uma ilustradora botânica, viajante que se tornou uma profissional reconhecida e manteve contatos com pesquisadoras/es brasileiras/os. Partindo da discussão sobre a construção de instalações para mulheres no Laboratório Biológico da Ilha de Barro Colorado no Panamá, na década de 1920, o artigo traça as redes de cientistas e de instituições envolvidas no financiamento e na pesquisa das ciências de campo nos Estados Unidos.

## Apresentação

Análises engendradas das ciências, como a de Pamela Henson, têm sido particularmente iluminadoras para as recentes discussões sobre a historiografia das ciências, que se ocupam de áreas de conhecimento que privilegiam o campo, que privilegiam as localidades onde se estabeleceram as práticas das ciências naturais por excelência. Em outro lugar, Hebe Vessuri havia sugerido que a ausência relativa de controle do campo – em contraste com as práticas de laboratório – adquiria um especial significado quando o investigador estava no estrangeiro, porque nessas condições controlaria muito menos elementos do que o investigador nativo.<sup>5</sup> Nesse artigo, Pamela Henson explicita como esse descontrole é minimizado pela construção, por uma elite de homens cientistas norte-americanos, de verdadeiros enclaves “na selva”, dos quais as viajantes diurnas, que lá não podiam pernoitar, estavam alijadas quer da observação matinal dos pássaros, quer das discussões informais, tarde da noite, onde se estabeleciam os acordos tácitos que conformavam as áreas disciplinares.

As trajetórias de algumas das primeiras médicas brasileiras estudadas no artigo de Elisabeth Juliska Rago se inserem no contexto das discussões sobre as amplas possibilidades de leituras sugeridas pelas diferentes concepções de feminismos do final do século XIX no Brasil. O discurso das primeiras médicas, justificador de seus direitos à educação e profissionalização, se apropria, questiona e se distancia da “ideologia da domesticidade”, justificada pelas teorias científicas da época, de matizes evolucionistas, positivistas, ou higienistas. Como o artigo ressalta, as diferentes concepções científicas vigentes, de que se lançou mão para se fazer frente aos graves problemas educacionais do país, estão profundamente marcadas por considerações de gênero. Estão à espera de análises como as que aqui se iniciam.

---

<sup>5</sup> VESSURI, Hebe Maria Cristina. Los viajes de G.G. Simpson a Sudamérica: visión científica y experiencia subjetiva. *REDES*, vol. VI, nº 4, 1999, pp.13-49.

Fechando esse dossiê voltamos às tradições em História das ciências quando essas se institucionalizam no eixo Bélgica-Estados Unidos. Em “Eros e *ISIS* – tal pai, tal filha”, Lewis Pyenson nos deixa ver George Sarton – um personagem que talvez não pudesse faltar em uma coletânea envolvendo História das ciências –, de forma inusitada e absolutamente distanciada daquelas dos manuais da disciplina: através de sua filha, a artista e poetisa bem conhecida May Sarton e não *ISIS*. As origens culturais, as relações familiares e as atitudes em relação à ciência, ao amor e à sexualidade são discutidas no estudo que se distancia da biografia autorizada de May Sarton.

Os demais artigos instigantes, polêmicos, continuam a prática dos *Cadernos Pagu* de se abrirem para temáticas diversificadas a cada número. Inserido na discussão de fronteiras que perpassa esse volume e refletindo sobre “Corpo e utopia”, José A. Bragança de Miranda discute a “crise de fronteiras consubstanciada na questão do híbrido e da contaminação”. Em “Mais amor e mais tesão”, James N. Green reconstrói a marcha dos movimentos brasileiros de gays, lésbicas e travestis, desde o final dos anos 70; Martha Celia Ramirez discute depoimentos de homens e mulheres envolvidos em experiências de aborto voluntário.

“Quem esqueceu as mulheres?”, resenha de Irina Podgorny de *Excavating Women: a history of women in European archaeology*, aborda a questão presente nos estudos de gênero, do risco que se corre ao escrever a história de grupos excluídos de tradições historiográficas, podendo levar à idealização destes sujeitos, que passam a ser caracterizados como figuras de exceção, confirmadoras, portanto, de regras incontestáveis, como tão bem já o explicitaram Michèle Riot-Sarcey e Eleny Varikas.<sup>6</sup> Desse

---

<sup>6</sup> Riot-Sarcey, Michèle et Varikas, Eleny. Réflexions sur la Notion d'Exceptionnalité. *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n° 37/38, 1988, pp.77-89. Agradeço a Suely Kofes o empréstimo desse texto. Sobre o tema, ver também o artigo de VERGARA, Moema de Rezende. A noção de excepcionalidade na história

## Apresentação

modo, as considerações de Irina Podgorny encerram esse volume, retomando questões que Ilana Löwy também aborda no primeiro artigo destes *Cadernos*.

Elaborar “gênero, ciências, história” só foi possível pelo apoio incondicional de Adriana Piscitelli, Iara Beleli, Luciana Camargo Bueno, Mariza Corrêa e Regiane Chey de Mesquita. A Alda Heizer do Museu de Astronomia e Ciências Afins e Maria José Veloso do Museu Nacional do Rio de Janeiro meus agradecimentos pela generosidade e eficiência com que permitiram aos *Cadernos Pagu* a publicação da foto da capa.

A elaboração deste Dossiê, a exemplo de muitos, também tem uma história. E dela fez parte, desde o início, a intenção de prestar uma homenagem a Maria Amélia Mascarenhas Dantes, a professora de toda uma geração de historiadoras/es das ciências que aprenderam, na prática e muito, sobre as relações de gênero.

Maria Margaret Lopes

---

das mulheres: o caso da geração de Flora Tristan. *Cadernos Pagu* (13), Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1999, pp.223-251.